Parentalidade e Desfechos de Saúde Mental na Infância: Uma Revisão de Escopo

Parenting and Mental Health Outcomes in Childhood: A Scoping Review

Parentalidad y Resultados en la Salud Mental Infantil: Una Revisión de Alcance

Laura Ferro Bento[1] Karina da Silva Oliveira[2]

Fecha de recepción: 4 de novembro de 2025
Fecha de aprobación: 30 de abril de 2026

Resumo

Objetivo: investigar a relação entre parentalidade e desfechos de saúde mental infantil por meio de uma revisão de escopo. Critérios de elegibilidade: Foram incluídos 49 artigos sobre parentalidade e saúde mental infantil no contexto brasileiro, de acordo com os critérios de inclusão previamente estabelecidos.

[1] Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, Brasil. Correo: laurabentoferro@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-2035-9021
[2] Universidade São Francisco, Faculdade de Psicologia, Campinas, Brasil. Correo: oliveira.karinadasilva@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-5301-7012

Fontes de informação: As buscas foram realizadas nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), utilizando palavras-chave em português e inglês. Métodos de síntese: Inicialmente, foram identificadas 9,432 publicações. Os estudos elegíveis foram analisados quanto aos desfechos de saúde mental infantil investigados e às definições de parentalidade, organizadas por meio de análise de conteúdo. Resultados principais: Observou-se média de 3.5 artigos publicados por ano, com predominância de estudos desenvolvidos no estado de São Paulo, maior foco em crianças em idade escolar e delineamento transversal. Os artigos foram agrupados em três categorias conforme o desfecho de saúde mental avaliado (positivo, negativo ou ambos). As definições de parentalidade foram organizadas em 11 categorias. Conclusões: A parentalidade constitui tema de interesse recorrente na Psicologia. Os achados reforçam que as interações familiares, desde as etapas iniciais do desenvolvimento, podem favorecer tanto o fortalecimento quanto o adoecimento da saúde mental infantil.

Palavras-chave:

parentalidade, saúde mental, criança, relações pais-filho, desenvolvimento infantil

Abstract

Aim: investigate the relationship between parenting and children's mental health outcomes through a scoping review. Eligibility criteria: Brazilian studies on parenting and children's mental health that met the predefined eligibility criteria were included. A total of 49 articles were selected. Information sources: Searches were conducted in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) databases using keywords in Portuguese and English. Methods of synthesis: Initially, 9,432 records were identified. Eligible studies were analyzed regarding the children's mental health outcomes investigated and the definitions of parenting, which were organized through content analysis. Main results: An average of 3.5 articles per year was observed, with a predominance of studies conducted in the state of São Paulo, a greater focus on school-aged children, and cross-sectional designs. The articles were grouped into three categories according to the children's mental health outcome assessed (positive, negative, or both). Definitions of parenting were organized into 11 categories. Conclusions: Parenting is a recurring topic of interest in Psychology. The findings reinforce that family interactions, from the earliest stages of development, may contribute either to the promotion or the impairment of children's mental health.

Keywords:

parenting, mental health, child, parent-child relations, child development

Resumen

Objetivo: investigar la relación entre la parentalidad y desenlaces de salud mental infantil mediante una revisión de alcance. **Criterios de elegibilidad:** Se incluyeron 49 artículos sobre parentalidad y salud mental infantil en el contexto brasileño, de acuerdo con los criterios de inclusión establecidos.**Fuentes de información:** Las búsquedas se realizaron en las bases de datos Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), utilizando palabras clave en portugués e inglés. **Métodos de síntesis:** Inicialmente, se identificaron 9,432 publicaciones. Los estudios elegibles

DIVERSITAS
ISSN impreso: 1794-9998 - ISSN online: 2256-3067
Vol.22 Núm.1 (2026) | enero-junio
ISSN: 1794-9998 | e-ISSN: 2256-3067

fueron analizados en relación con los desenlaces de salud mental infantil investigados y las definiciones de parentalidad, organizadas mediante análisis de contenido. **Resultados principales:** Se observó un promedio de 3.5 artículos publicados por año, con predominio de estudios realizados en São Paulo, mayor enfoque en niños en edad escolar y diseño transversal. Los artículos se agruparon en tres categorías según el desenlace de salud mental infantil evaluado. Las definiciones de parentalidad se organizaron en 11 categorías. **Conclusiones:** La parentalidad constituye un tema de interés recurrente en la Psicología. Los hallazgos refuerzan que las interacciones familiares, desde las etapas iniciales del desarrollo, pueden favorecer tanto el fortalecimiento como el deterioro de la salud mental infantil.

Palabras claves:

Parentalidad, salud mental, niño, relaciones padres-hijo, desarrollo infantil

Ao longo da história da Psicologia, foram propostos diferentes modelos teóricos para explicar o que seria a parentalidade e quais seriam as consequências dos padrões familiares no desenvolvimento das crianças (Darling & Steinberg, 1993). Baumrind (1966) e, futuramente, Maccoby e Martin (1983) definiram a parentalidade a partir de quatro estilos parentais que diferem entre si por meio de dois componentes: a responsividade e a exigência. Esses estilos são o autoritário, o indulgente, o negligente e o autoritativo (Maccoby & Martin, 1983). Os estilos parentais compreendem, além das práticas utilizadas pelos pais, os valores e crenças dos cuidadores e fatores temperamentais das crianças (Darling & Steinberg, 1993). Já em 1975, Hoffman definiu a parentalidade a partir de duas práticas parentais: as estratégias indutivas (caracterizadas pelo direcionamento aos aspectos lógicos das situações) e as estratégias de força coercitiva (caracterizadas por ameaças de reações punitivas por parte dos pais). Diferentemente dos estilos parentais, as práticas são mais situacionais e se referem a técnicas utilizadas na educação dos filhos.

No Brasil, destaca-se o modelo teórico proposto em 2006 por Gomide, no qual a autora descreve sete práticas educativas, que consistem nas estratégias utilizadas pelos pais na interação com os filhos (Sampaio & Gomide, 2007). Assim, são descritas cinco práticas relacionadas a comportamentos antissociais: a negligência, a punição inconsistente, a disciplina relaxada, a monitoria negativa e o abuso físico; e duas práticas que se relacionam a comportamentos pró-sociais dos filhos: a monitoria positiva e o comportamento moral (Sampaio & Gomide, 2007).

Ainda, Bolsoni-Silva (2003) também propôs um modelo para explicar a parentalidade, mas, nesse caso, tendo como foco as habilidades sociais educativas parentais. Assim, foram relatadas diversas competências parentais no processo educativo dos filhos. Entre elas, destacam-se as habilidades comunicativas, as habilidades relacionadas à expressão emocional e ao enfrentamento de situações, e as habilidades voltadas para a imposição de limites (Bolsoni-Silva, 2003).

Além de modelos de parentalidade, observam-se, na literatura da Psicologia, teorias que enfatizam a importância da qualidade dos laços entre cuidadores e crianças, como a Teoria do Apego de John Bowlby. Nesse referencial teórico, o

estabelecimento de laços emocionais íntimos é um aspecto essencial e inerente à espécie humana, de modo que as relações de apego possuem funções de sobrevivência, visto que resultam na proteção dos indivíduos envolvidos (Bowlby, 2023). Assim, a construção de uma base de apego seguro por parte da criança em relação aos seus cuidadores é fundamental para que, no futuro, elas se sintam confortáveis a explorar o ambiente sem a presença dos responsáveis, conforme descrito por Ainsworth e Bowlby (1991).

As práticas parentais, expressas no cotidiano por meio de condutas de cuidado, afeto e disciplina, constituem a base a partir da qual se estruturam os estilos parentais, que refletem padrões mais amplos de interação entre pais e filhos. Quando caracterizadas por sensibilidade, responsividade e consistência, tais práticas favorecem o estabelecimento de vínculos seguros, conforme postula a Teoria do Apego, permitindo que a criança desenvolva modelos internos funcionais de confiança em si e nos outros (Bowlby, 1989, 1997; Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

Em contrapartida, práticas inconsistentes, negligentes ou hostis tendem a promover estilos parentais menos adaptativos, associados a padrões inseguros de apego (Ainsworth, 1979; Choi et al., 2019). Estudos têm demonstrado que essas diferenças iniciais na qualidade do cuidado exercem papel decisivo no desenvolvimento das competências socioemocionais, interferindo no manejo das emoções, na autoestima, na capacidade de autorregulação e, consequentemente, nos desfechos de saúde mental ao longo da vida (Alvarenga et al., 2016; Marin et al., 2017; Pinto-Cortez et al., 2018). Dessa forma, práticas e estilos parentais positivos, que estimulam a autonomia e o afeto, funcionam como fatores protetivos, ao passo que práticas coercitivas ou desorganizadas podem aumentar o risco de dificuldades emocionais, comportamentais e psicopatológicas na infância, na adolescência e na vida adulta.

Desse modo, considerando a importância das relações familiares na infância para o desenvolvimento das crianças, esta revisão de escopo foi realizada com o objetivo de analisar a relação entre parentalidade e desfechos de saúde mental na infância a partir da investigação do estado atual da área sobre parentalidade e saúde mental na infância e da identificação na literatura se os estilos e as práticas parentais estão associados a desfechos positivos e negativos de saúde mental, bem como identificar quais são as definições de parentalidade utilizadas. Para esse estudo, considera-se saúde mental como um estado de bem-estar mental que permite às pessoas lidar com os estresses da vida, reconhecer suas próprias capacidades, aprender e trabalhar bem e contribuir para sua comunidade (World Health Organization, 2022). A presente revisão pretende contribuir para a discussão a respeito da parentalidade e sua associação com os consequentes em saúde mental na infância. A questão de pesquisa foi elaborada com base na estratégia "PCC" (população, conceito, contexto) (Tricco et al., 2018), considerando como população crianças de 0 a 12 anos, como conceito a parentalidade e como contexto a literatura brasileira, tendo como foco os desfechos relacionados à saúde mental infantil.

Método

Para a revisão, foram utilizadas como palavras-chave os termos em inglês "*parenting*", "*parenting styles*", "*parenting practices*", "*practices of care*" e "*parental care*", e em português "práticas educativas", "estilos parentais", "práticas parentais", "práticas de cuidado" e "cuidados parentais". Essas palavras-chave foram selecionadas a fim de dar continuidade ao trabalho de Macarini et al. (2010), que realizaram a última revisão sistemática brasileira acerca das definições de parentalidade. Desse modo, a fim de dar prosseguimento ao trabalho já realizado por esses autores, os artigos escolhidos para compor a revisão foram aqueles brasileiros publicados desde 2010 até 2024. Esta revisão foi reportada conforme as normas do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews PRISMA-ScR (Tricco et al., 2018), e a lista de verificação consta como material suplementar.

Materiais e Elegibilidade

A busca das palavras-chave foi feita pelas autoras nos bancos de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), a partir da combinação dos termos com o operador *OR*. A pesquisa das palavras-chave foi realizada entre 1º de julho de 2024 e 30 de setembro de 2024 e foram analisados os artigos publicados até essa última data. O registro prévio da revisão foi feito pela plataforma PROSPERO (CRD420261459614).

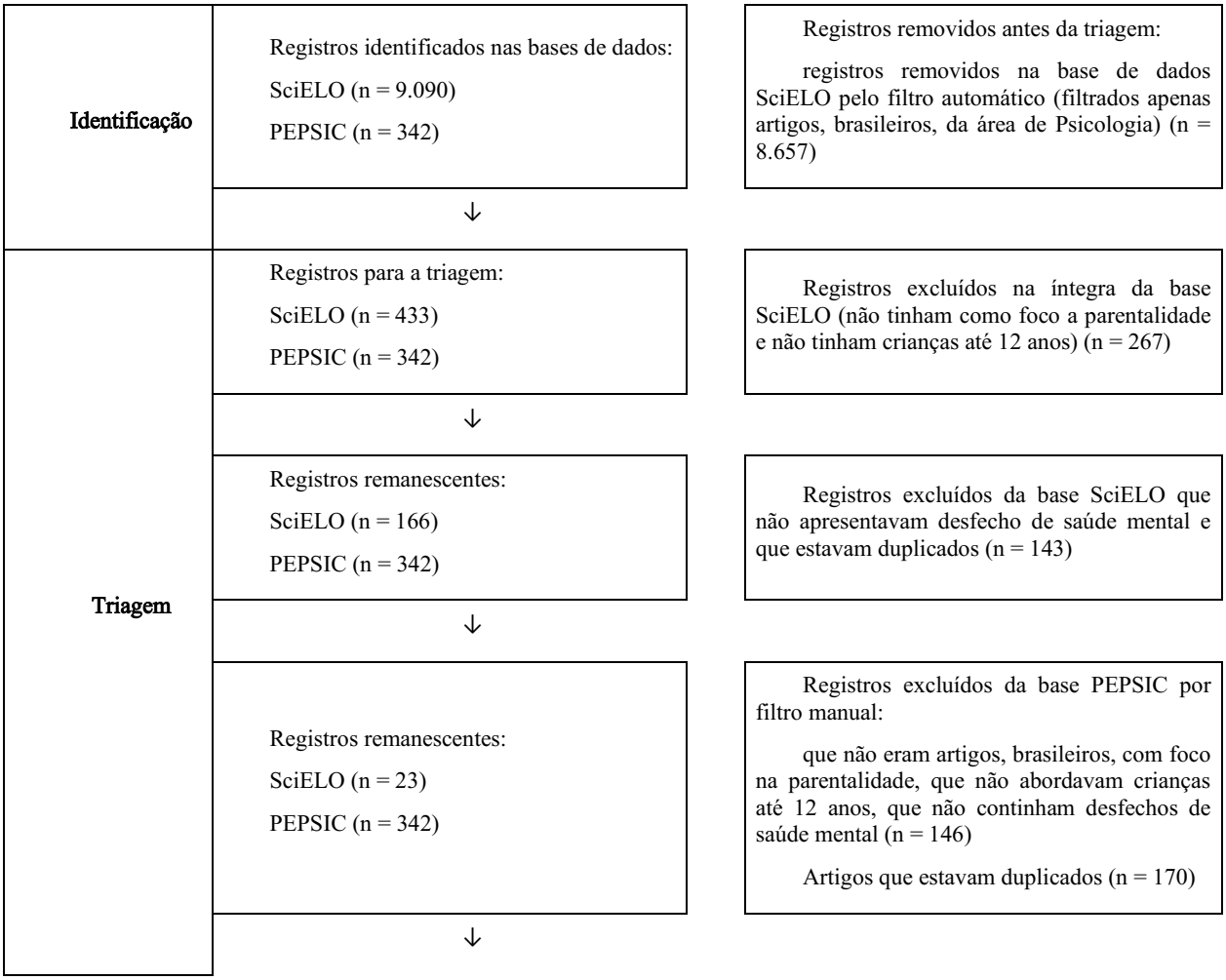
Após a busca inicial nos bancos de dados, foram selecionados os artigos brasileiros da área de Psicologia publicados entre 2010 e 2024. Como critérios de inclusão, os artigos deveriam necessariamente abordar o tema da parentalidade e incluir algum desfecho de saúde na infância. O período considerado como infância foi definido a partir do critério estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que a compreende como o período entre 0 e 12 anos (Brasil, 1990). Em seguida, os estudos foram identificados, selecionados e sintetizados a partir das diretrizes presentes no método PRISMA-ScR, que permitem o planejamento e condução da revisão de escopo, de modo a garantir que as recomendações para o desenvolvimento do estudo sejam contempladas (Tricco et al., 2018).

A partir da busca das palavras-chave nos bancos de dados, foram encontrados no total 9.090 artigos na base SciELO, já considerando aqueles publicados entre 2010 e 2024. Após adicionados os filtros "Psicologia", "Brasil" e "artigos", foram encontradas 433 publicações. Em seguida, os títulos e os resumos dos artigos foram lidos na íntegra em conjunto pelas duas autoras e retirados aqueles que não apresentavam a parentalidade como foco e que não se referiam a crianças de até 12 anos, restando 166 publicações. Na sequência, foram excluídos aqueles que não continham um desfecho de saúde na infância, restando 23 artigos. Já na base PEPSIC, foram encontradas 342 publicações após a busca das palavras-chave. Em sequência, os artigos foram filtrados manualmente a fim de serem selecionados somente aqueles publicados no Brasil entre 2010 e 2024. Além disso, foram retirados, a partir da leitura de resumos pelas autoras, aqueles que não possuíam a

parentalidade como foco principal do estudo e não se referiam aos desfechos na infância, sendo excluídos 146 publicações. Em sequência, foram retiradas as duplicatas (n = 170). Assim, no total, foram incluídos 26 artigos provenientes dessa base. A Figura 1 apresenta o detalhamento dessas ações. As estratégias de busca das duas bases encontram-se como material suplementar.

Figura 1.

Fluxograma referente à seleção dos artigos



Inclusão	Artigos incluídos na revisão: SciELO (n = 23) PEPSIC (n = 26)

Por fim, foi analisada, por meio de estatísticas descritivas, cada uma dessas categorias citadas. Além disso, foi realizada uma análise qualitativa voltada às definições de parentalidade e aos desfechos de saúde mental de cada estudo e, com base na análise de conteúdo, os artigos foram definidos em categorias estabelecidas por duas pesquisadoras. A técnica da análise de conteúdo foi utilizada, visto que, por meio dela, é possível explorar, nos textos conteúdos, que não estão aparentes, verificar e confirmar hipóteses, organizar o material utilizado e observar tendências (Minayo, 2001). O processo de análise de conteúdo compreendeu as seguintes etapas: Inicialmente, todos os artigos foram lidos na íntegra; em seguida, foram identificados e extraídos trechos que continham definições de parentalidade, bem como desfechos de saúde mental na infância relacionados à parentalidade, de modo que os trechos foram organizados em uma planilha. Posteriormente, as autoras realizaram a codificação de modo independente, a partir do agrupamento indutivo em categorias temáticas. Por fim, houve a discussão entre as autoras de divergências, a fim de ser alcançado um consenso.

Resultados

A partir da leitura e coleta de informações dos 49 artigos selecionados, observou-se a distribuição dos artigos considerando seu ano de publicação, a fim de verificar o interesse em relação à temática. Os resultados mostraram que o ano em que tiveram mais publicações foi respectivamente 2021 (n = 8), seguido por 2020 (n = 6), 2010 (n = 5) e 2012 e 2019 (n = 4). Os demais anos tiveram entre zero e três publicações. Assim, a média de trabalhos publicados foi de 3.5 artigos por ano.

O estado brasileiro que apresentou mais publicações foi São Paulo (n = 21), seguido do Rio Grande do Sul (n = 12), da Bahia (n = 5), do Paraná (n = 4) e de Santa Catarina (n = 4). Nos estados do Ceará, da Paraíba, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Distrito Federal também foram publicados entre um e três artigos que compuseram a revisão.

Em relação às instituições de afiliação dos autores, a Universidade de São Paulo (n = 13) e a Universidade Estadual Paulista (n = 12) apresentaram as maiores frequências, seguidas pela Universidade Federal de Santa Catarina (n = 4), pela Universidade Federal da Bahia (n = 4), pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (n = 3), pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (n = 3), pela Universidade Paulista (n = 3), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (n = 3), pela Universidade Federal de Santa Maria (n = 2), pela Universidade Federal de São Carlos (n = 2), pela

Universidade Estadual do Centro-Oeste (n = 2) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (n = 2).

Para a análise da faixa etária das crianças a que os estudos se referiam, foi realizada a divisão entre pré-escolares e escolares, conforme utilizado por Rovaris e Bolsoni-Silva (2021). Desse modo, consideram-se pré-escolares crianças até os cinco anos de idade e escolares a partir dos seis anos. Assim, os artigos foram categorizados em relação à qual faixa etária as crianças se encontravam e divididos em três categorias: apenas escolares (n = 21), tanto escolares quanto pré-escolares (n = 19) e apenas pré-escolares (n = 5).

Do ponto de vista do tipo de estudo utilizado nos artigos, observou-se que 42 publicações eram trabalhos empíricos e sete teóricos. Em relação aos empíricos, a maioria dos estudos era transversais (n = 39), e os outros se dividiram entre estudos longitudinais (n = 2), estudos de caso (n = 5), análises de conteúdo (n = 2) e grupo focal (n = 1). Percebe-se que há uma prevalência de estudos empíricos transversais, o que pode ser justificado devido ao fato de um dos critérios de inclusão dos artigos ser a presença de desfechos de saúde mental. É válido destacar que o objetivo da revisão foi mapear a produção científica nacional sobre a relação entre parentalidade e saúde mental infantil. Assim, os sete estudos teóricos atenderam aos critérios de elegibilidade por abordarem explicitamente a associação entre parentalidade e saúde mental infantil, ainda que sem coleta empírica de dados. Além disso, apesar de se tratar de artigos brasileiros, nove deles foram publicados apenas em inglês, o que pode estar relacionado a estratégias de internacionalização da produção científica.

Posteriormente, analisou-se a relação de parentesco entre os cuidadores e as crianças aos quais os artigos se referiam. Os resultados indicaram que, em 19 estudos, o foco era na relação entre pais e mães; em 18, na relação com a figura materna e apenas em um na relação exclusivamente com a figura paterna. Nos demais estudos, foram encontradas relações entre mães, pais e avós (n = 1), mães, avós e padrastos (n = 1), mães e professores (n = 2), mães, pais e professores (n = 2), mães, pais e padrastos (n = 1) e em 4 estudos a relação entre as crianças e os cuidadores não foi especificada.

Para a análise das definições de parentalidade utilizadas pelos autores dos artigos, foram criadas 11 categorias distintas, a partir das teorias que corroboram a visão dos autores sobre o que seria a parentalidade. Essas categorias foram definidas por meio da análise de conteúdo, foram elaboradas por duas pesquisadoras e encontram-se descritas na Tabela 1.

Tabla 1.

Definições de parentalidade

Categoria	Definição de parentalidade	Freq.	Referências
Habilidades sociais Educativas parentais	Habilidades sociais educativas parentais são as habilidades sociais que os pais utilizam para a educação dos filhos e incluem a expressão de sentimentos e enfrentamento, a comunicação, a interação positiva, a descrição positiva do filho e a reflexão sobre a prática educativa.	2	Boas & Bolsoni-Silva (2010); Bolsoni-Silva et al. (2010)
Modelo de coerção	A família e o contexto social influenciam as individualidades de cada pessoa, incluindo padrões antissociais.	1	Alvarenga et al. (2012)
Parentalidade e conjugalidade	A parentalidade difere-se da conjugalidade, de modo que é obrigação de ambos os pais a educação dos filhos. Assim, mesmo em casais separados, os deveres da parentalidade devem ser mantidos.	3	Campeol & Pereira (2021); Goulart & Wagner (2012); Mosmann et al. (2018)
Estilos parentais	A parentalidade é definida a partir do estilo parental, que engloba os padrões e conjunto de práticas utilizadas pelos cuidadores nas interações com os filhos.	12	Bargas & Lipp (2013); Costa et al. (2022); Dascanio et al. (2010); Dascanio et al. (2016); Fonsêca et al. (2014); Loos & Cassemiro (2010); Martins et al. (2016); Meneses et al. (2022); Portes et al. (2020); Schavarem & Toni (2019); Sebastião et al. (2020); Silva et al. (2020)

Categoria	Definição de parentalidade	Freq.	Referências
Papeis e práticas parentais	A parentalidade não é definida por si só, mas é pensada a partir do que é feito. O papel parental é problematizado a partir de teorias preexistentes (como a psicanálise, Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, Teoria Sistêmica etc.).	7	Bolsson & Benetti (2011); Hassmann & Antoni (2021); Machado et al. (2019); Marques (2015); Mello et al. (2015); Pereira Neto & Grzybowski (2020); Zanetti & Gomes (2014)
Suporte parental	A parentalidade é definida a partir do papel dos pais de oferecer suporte com vistas à autonomia e à realização de metas.	2	Costa & Souza (2022); Loos et al. (2023)
Práticas educativas	A parentalidade é definida pelas práticas educativas utilizadas pelos pais para lidarem com o comportamento dos filhos.	3	Bolsoni-Silva & Loureiro (2018); Bolsoni-Silva et al. (2016); Schwartz & Pacheco (2021)
Práticas parentais	A parentalidade é definida a partir das estratégias utilizadas para o condicionamento operante dos filhos (reforço e punição).	9	Bolsoni-Silva & Loureiro (2011); Bolsoni-Silva & Loureiro (2019a); Bolsoni-Silva & Loureiro (2019b); Bolsoni-Silva et al. (2023); Grizólio & Scorsolini-Comin (2020); Leme & Bolsoni-Silva (2010); Nunes et al. (2013); Oliveira et al. (2021); Quiterio et al. (2021)
Práticas educativas parentais	A parentalidade é definida pelas práticas educativas parentais, que são as condutas utilizadas pelos cuidadores para aumentar a frequência de comportamentos aceitáveis e sanar comportamentos identificados como impróprios.	7	Alvarenga et al. (2016); Assis-Fernandes & Bolsoni-Silva (2020); Malhado & Alvarenga (2012); Marin et al. (2012); Reis & Landim (2021); Rovaris & Bolsoni-Silva (2021); Toni & Hecaveí (2014)
Cuidado e educação	A parentalidade é o cuidado e a educação dos filhos e trata-se de um processo comum a todos os mamíferos.	2	Benites et al. (2021); Lima et al. (2024)
Controle parental	A parentalidade é definida pelo modo de controle exercido pelos pais que influenciam o desenvolvimento dos filhos.	1	Lins & Alvarenga (2015)

Nota. Elaborado pelas autoras.

Em sequência, foi realizada também a análise acerca dos desfechos de saúde mental na infância relatados nos artigos. Os estudos foram divididos em três categorias distintas: parentalidade e desfechos de saúde positivos e negativos (n = 23), parentalidade e desfechos negativos na infância (n = 20) e parentalidade e desfechos positivos na infância (n = 6).

Parentalidade e desfechos de saúde positivos e negativos (n = 23)

Na primeira categoria, foram incluídos artigos que relacionavam estilos parentais a desfechos positivos e negativos de saúde infantil, geralmente contrapondo práticas associadas a esses desfechos. Muitos discutiram a relação entre comportamentos infantis e práticas parentais (Alvarenga et al., 2012; Assis-Fernandes & Bolsoni-Silva, 2020; Bolsoni-Silva et al., 2010; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2011; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2019a;Portes et al., 2020; Rovaris & Bolsoni-Silva, 2021; Zanetti & Gomes, 2014). Toni e Hecaveí (2014) associaram práticas educativas positivas a bom desempenho escolar, e negativas a baixo rendimento. Mosmann et al. (2018) relacionaram práticas como intrusividade e conflitos a sintomas clínicos, enquanto práticas de apoio e coesão parental foram ligadas à ausência de sintomas. Outros estudos associaram práticas parentais a desempenho intelectual (Dascanio et al., 2010), funções executivas (Martins et al., 2016), flexibilidade cognitiva (Costa & Souza, 2022), reconhecimento emocional (Loos et al., 2023), autoestima (Schavarem & Toni, 2019) e autoconceito (Loos & Cassemiro, 2010). Ajustamento pós-divórcio (Campeol & Pereira, 2021) e uso da internet (Grizólio & Scorsolini-Comin, 2020) também foram associados à qualidade da parentalidade.

Parentalidade e desfechos negativos na infância (n = 20)

Nesta categoria, foram incluídos os artigos que apresentaram apenas desfechos negativos de saúde na infância. Bolsoni-Silva et al. (2023), Bolsoni-Silva et al. (2016), Bolsoni-Silva e Loureiro (2018), Dascanio et al. (2016), Nunes et al. (2013) e Sebastião et al. (2020) associaram estilos e práticas parentais negativas a problemas de comportamento nos filhos. Além disso, Goulart e Wagner (2012) e Hassmann e Antoni (2021) descreveram desfechos negativos de saúde na infância (por exemplo, ameaças ao bem-estar das crianças ou dificuldades de expressão de sentimentos) como resultados de conflitos conjugais e de violência por parceiro íntimo, respectivamente. Já Mello et al. (2015) descreveram a prática da parentalização, ou seja, de crianças que apresentam responsabilidades de adultos, como um risco para a saúde mental delas. Por sua vez, o cuidado excessivo por parte dos pais foi correlacionado com um impacto negativo no desenvolvimento emocional e cognitivo, o que pode acarretar problemas de aprendizagem no futuro (Marques, 2015).

Ademais, outros desfechos negativos de saúde mental infantil, como o surgimentos de sintomas internalizantes, tais como a ansiedade e a depressão, foram associados com práticas parentais como reatividade e rompimento emocional, precarização do apoio emocional, controle coercitivo, conflito familiar, controle crítico, negligência, abuso

físico e disciplina relaxada (Bolsson & Benetti, 2011; Lima et al., 2024; Lins & Alvarenga, 2015; Oliveira et al., 2021; Pereira Neto & Grzybowski, 2020; Reis & Landim, 2021). Por fim, estilos parentais autoritários e de risco foram correlacionados a sintomas de TDAH, traços de neuroticismo e psicoticismo, e dificuldades de empatia (Bargas & Lipp, 2013; Benites et al., 2021; Costa et al., 2022).

Parentalidade e desfechos positivos na infância (n = 6)

Nesta categoria, foram incluídos artigos que apresentaram apenas desfechos positivos de saúde mental na infância. Machado et al. (2019) associaram as brincadeiras entre pais adotivos e filhos como importante para a construção de espaços para conversarem sobre a filiação adotiva e as origens biológicas das crianças. Já Schwartz e Pacheco (2021) discutiram que a mediação e o monitoramento parental em relação ao uso das redes sociais são fatores protetivos ao desenvolvimento infantil. Fonsêca et al. (2014) correlacionaram a responsividade materna com hábitos de estudo em crianças, apresentando uma influência positiva. Meneses et al. (2022), por sua vez, associaram estilos parentais positivos a uma maior concordância de valores entre pais e filhos. Por fim, Silva et al. (2020) e Quiterio et al. (2021) relataram intervenções em educação e orientação parental como responsáveis por mudanças positivas no manejo dos pais, como a demonstração de afeto e a construção de um diálogo saudável.

Discussão

Os dados indicam um forte interesse da Psicologia pelo tema, evidenciado pela quantidade de artigos encontrados com as palavras-chave. Observa-se uma estabilidade nas publicações ao longo dos últimos 14 anos. No Brasil, a produção concentra-se majoritariamente nas regiões Sul e Sudeste, especialmente em São Paulo, embora também haja contribuições do Nordeste e Centro-Oeste. A maioria dos estudos selecionados é empírica, o que se relaciona ao critério de inclusão da revisão: a presença de desfechos de saúde mental na infância, mais comuns nesse tipo de pesquisa.

Observou-se também a relação de parentesco entre os responsáveis e as crianças pelas quais os artigos se referiam. Nesse caso, nota-se que muitos estudos foram realizados considerando apenas a relação materna e apenas um dos artigos teve como foco apenas a relação paterna. Esse dado condiz com o que foi exposto por Marciano et al. (2024) de que a maternidade ainda se constitui como o ideal máximo de feminilidade e que os cuidados domésticos e com os filhos se consolidaram ao longo da história como funções da mulher, de modo que os pais aparecem, muitas vezes, como ajudantes no processo de cuidado.

Além disso, outros dados importantes a serem discutidos são as definições de parentalidade observadas. Os resultados das análises de conteúdo temáticas revelam uma ampla quantidade de definições de parentalidade presentes nos artigos, o que indica um baixo consenso na literatura brasileira. A definição mais utilizada foi a de estilos parentais (n = 12), seguida por práticas

parentais (n = 9), papéis e práticas parentais (n = 7) e práticas educativas parentais (n = 7).

Em relação aos termos estilos parentais e às práticas educativas parentais, Macarini et al. (2010) atribuíram a larga utilização dessas definições nos estudos ao fato de que as estratégias utilizadas pelos pais possuem uma relação importante com o desenvolvimento de comportamentos dos filhos. Assim, as práticas educativas parentais e os estilos parentais, que englobaria esse conjunto de práticas, representam uma alternativa para a avaliação desses comportamentos (Macarini et al., 2010). No entanto, os autores também atribuíram a ampla utilização desses termos à faixa etária dos participantes dos artigos, visto que, de acordo com Macarini et al. (2010), seria possível identificar essas práticas por meio do discurso de adolescentes e adultos. Entretanto, esse dado não pode ser observado na presente revisão, visto que se trata de artigos que se referem a crianças. É válido destacar que a palavra-chave "práticas parentais" também pode ser inserida nessa análise, visto que, em muitos artigos, o termo foi utilizado como sinônimo de práticas educativas parentais, assim como o termo "práticas educativas".

Por sua vez, a quantidade de artigos na categoria denominada "papéis e práticas parentais" se justifica pelo fato de que foram incluídos os artigos que não apresentam uma definição própria de parentalidade, mas que explicam esse conceito a partir de outras teorias da personalidade presentes no campo da Psicologia. Assim, devido à abrangência de modelos teóricos existentes na área, é esperado que isso se manifeste nos artigos publicados.

As demais definições de parentalidade (como habilidades sociais educativas parentais, modelo de coerção, parentalidade e conjugalidade, suporte parental, cuidado e educação e controle parental) aparecem entre uma e três vezes nos artigos analisados. Desse modo, discutem-se a quantidade de definições e modelos apresentados e o baixo consenso entre pesquisadores. Assim, embora os estudos analisados apresentem convergência quanto à relevância das práticas parentais para o desenvolvimento infantil, observa-se heterogeneidade conceitual sobre o constructo da parentalidade. Essa diversidade dificulta comparações entre estudos e evidencia a necessidade de modelos teóricos mais integrativos. Além disso, nota-se a predominância de delineamentos transversais e da avaliação de apenas uma fonte de informação (ou apenas as crianças, ou apenas os cuidadores).

Portanto, por meio das categorias identificadas nesta revisão, foi possível a elaboração de uma definição pelas autoras, a partir dos padrões recorrentes observados nos estudos analisados. Assim, a parentalidade pode ser definida como o conjunto de ações direcionadas ao cuidado e suporte dos filhos e que envolve aspectos psicológicos e sociais. A parentalidade abarca tanto aspectos afetivos, visto que é dever dos responsáveis promover vínculos seguros e abertura para a expressão emocional das crianças, quanto aspectos que envolvem o estabelecimento de limites.

É válido ressaltar também o interesse dos pesquisadores em associar a parentalidade com desfechos de saúde mental na infância. Nota-se que, em grande parte dos

estudos, foram apresentados desfechos tanto positivos quanto negativos. Nesse sentido, pode-se hipotetizar que a atenção dada aos aspectos positivos do desenvolvimento tenha relação com o fortalecimento da área da Psicologia positiva no Brasil. Assim, esse movimento científico compreende que a saúde mental vai além da ausência de doenças e psicopatologias, diferenciando-se assim de tendências anteriores na área da Psicologia que visavam unicamente à redução do sofrimento e à diminuição da presença de psicopatologias (Krentzman, 2013).

Por fim, destaca-se que existe um contexto sócio-histórico que antecede o exercício da parentalidade. De acordo com o modelo teórico de Belsky (1984), entende-se que existem fatores que determinam e condicionam o modo como os cuidadores desempenharão seu papel, como o estresse contextual e o suporte recebido. No entanto, esses antecedentes não foram objeto de estudo dos artigos selecionados para essa revisão. Assim, é importante que outros estudos sejam realizados a fim de mapear como os antecedentes contextuais influenciam nas práticas e estilos parentais e nos consequentes em saúde mental na infância.

Limitações

Esta revisão apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Primeiramente, a busca foi realizada exclusivamente nas bases SciELO e PEPSIC não contemplando outras bases, nem a literatura cinzenta. Dessa forma, é possível que estudos relevantes não tenham sido identificados.

Além disso, a revisão restringiu-se a publicações nacionais, o que limita a generalização dos resultados para outros contextos culturais e científicos. Embora as estratégias de busca tenham incluído descritores em português e inglês, os critérios de elegibilidade privilegiaram estudos desenvolvidos no Brasil, refletindo o objetivo da revisão de caracterizar a produção científica nacional sobre parentalidade e saúde mental infantil.

Ademais, outra limitação refere-se à ausência de avaliação da qualidade metodológica ou do risco de viés dos estudos incluídos. Considerando que o objetivo desta revisão foi mapear e caracterizar a produção científica existente, optou-se por não realizar esse tipo de avaliação.

Apesar dessas limitações, a adoção de critérios explícitos de inclusão e exclusão e da descrição detalhada dos procedimentos metodológicos contribui para a confiabilidade dos resultados e oferece um panorama atualizado da produção científica nacional sobre parentalidade e saúde mental infantil.

Conclusões

O tema da parentalidade tem sido amplamente explorado por pesquisadores brasileiros nos últimos 14 anos, com diversas teorias e definições sendo utilizadas para abordar sua complexidade. Essa variedade conceitual, no entanto, tem levado a enfoques distintos nos estudos, com o uso de diferentes instrumentos e metodologias. As pesquisas destacam a importância dos pais no desenvolvimento infantil, mostrando que diferentes modelos parentais podem

influenciar positiva ou negativamente a saúde mental das crianças. A revisão se justifica por buscar evidenciar práticas parentais que promovem ou prejudicam esse desenvolvimento.

Reconhece-se que a parentalidade é influenciada por múltiplos fatores socioculturais e individuais, como contexto familiar, questões raciais, transgeracionais, condições econômicas, e características dos cuidadores e dos filhos. Por isso, o artigo não pretendeu abarcar todos esses aspectos, sugerindo que futuras pesquisas aprofundem essas dimensões. Também se recomendam a ampliação das bases de dados, incluindo estudos internacionais, e a investigação dos efeitos da parentalidade em outras fases da vida, além da infância.

Declaraciones

Considerações éticas

Este estudo consiste em uma revisão de escopo da literatura e não envolveu a coleta de dados diretamente com seres humanos. Portanto, não foi submetido à apreciação por comitê de ética em pesquisa.

Financiamento

Este estudo não recebeu financiamento.

Conflitos de intereses

As autoras declaram não haver conflitos de interesses relacionados à realização deste estudo.

Disponibilidade de dados, métodos e materiais

Os dados utilizados nesta revisão correspondem à planilha de extração das informações dos estudos incluídos, disponível como material suplementar.

Os procedimentos metodológicos adotados para identificação, seleção, extração e análise dos estudos estão descritos detalhadamente na seção de método deste manuscrito. Além disso, a estratégia de busca está disponível como material suplementar. Informações adicionais poderão ser fornecidas pelas autoras mediante solicitação.

As estratégias de busca, os critérios de elegibilidade e os instrumentos utilizados para a extração dos dados encontram-se descritos no manuscrito e como material suplementar. Materiais complementares poderão ser disponibilizados mediante solicitação às autoras.

Pré-registro

Este estudo foi previamente registrado na plataforma PROSPERO (CRD420261459614).

Contribuição das autorias (taxonomia CRediT)

Laura Ferro Bento: conceituação, curadoria de dados, análise formal, captação de recursos, investigação, metodologia, administração do projeto, validação, redação do rascunho original. Karina da Silva Oliveira: curadoria de dados, metodologia, administração do projeto, redação, revisão e edição.

Declaração sobre o uso de inteligência artificial generativa

Durante a preparação do manuscrito, foi utilizada inteligência artificial generativa ChatGPT (OpenAI, 2026) exclusivamente

como ferramenta de apoio à revisão textual. As autoras revisaram criticamente todo o conteúdo produzido, assumindo total responsabilidade pela versão final do manuscrito.

Referencias

Ainsworth, M. S. (1979). Infant–mother attachment. *American Psychologist, 34*(10), 932-937. https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.932

Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist, 46*(4), 333-341. https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333

Alvarenga, P., Magalhães, M. de O., & Gomes, Q. de S. (2012). Relações entre práticas educativas maternas e problemas de externalização em pré-escolares. *Estudos de Psicologia (Campinas), 29*(1), 33-42. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000100004

Alvarenga, P., Weber, L. N. D., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 18*(1), 4-21. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i1.827

Assis-Fernandes, R. P., & Bolsoni-Silva, A. T. (2020). Educational social skills and repertoire of children differentiated by behavior and sex. *Paidéia (Ribeirão Preto), 30*, e3015. https://doi.org/10.1590/1982-4327e3015

Bargas, J. A., & Lipp, M. E. N. (2013). Estresse e estilo parental materno no transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. *Psicologia Escolar e Educacional, 17*(2), 205-213. https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200002

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development, 37*(4), 887-907. https://doi.org/10.2307/1126611

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*(1), 83-96. https://doi.org/10.2307/1129836

Benites, M. R., Cauduro, G. N., Vaz, L. V., Borges, É. P. K., Selau, T., & Yates, D. B. (2021). Orientação a práticas parentais: Descrição de um programa de intervenção individual breve. *Psicologia: Ciência e Profissão, 41*(esp 3), e192813. https://doi.org/10.1590/1982-3703003192813

Boas, A. C. V. B. V., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades sociais educativas de mães separadas e sua relação com o comportamento de pré-escolares. *Psico-USF, 15*(3), 301-310. https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300004

Bolsoni-Silva, A. T. (2003). *Habilidades sociais educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: Comparando pais e mães de pré-escolares* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-10082004-134158/publico/doutorado.pdf

Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: Comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia (Ribeirão Preto), 21*(48), 61-71. https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100008

Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2018). Predictors of social skills and behavioral problems in children. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 70*(1), 86-97. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000100007&lng=pt&tlng=en

Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2019a). Boys with internalizing and externalizing behavior problems: A case control study. *Trends in Psychology, 27*, 39-52. https://doi.org/10.9788/TP2019.1-04

Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2019b). Práticas parentais: conjugalidade, depressão materna, comportamento das crianças e variáveis demográficas. *Psico-USF, 24*(1), 69-83. https://doi.org/10.1590/1413-82712019240106

Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S. R., & Marturano, E. M. (2016). Comportamentos internalizantes: associações com habilidades sociais, práticas educativas, recursos do ambiente familiar e depressão materna. *Psico, 47*(2), 111-120. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.20806

Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Barbosa, C. G., Paiva, M. M. de, Costa, N. L., & Santos, L. C. (2010). Práticas parentais e repertório infantil: Caracterização da demanda por atendimento e predição de abandono. *Aletheia*, (32), 121-133. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200010&lng=pt&tlng=pt

Bolsoni-Silva, A. T., Pizeta, F. A., & Loureiro, S. R. (2023). Parenting practices, maternal depression and behavior problems: Associations, prediction and moderation. *Paidéia (Ribeirão Preto), 33*, e3334. https://doi.org/10.1590/1982-4327e3334

Bolsson, J. Z., & Benetti, S. P. da C. (2011). As manifestações de angústia e o sintoma na infância: Considerações psicanalíticas. *Revista Subjetividades, 11*(2), 555-589. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200005&lng=pt&tlng=pt

Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Artes Médicas.

Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. Martins Fontes.

Bowlby, J. (2023). *Uma base segura* (M. Silva, Trad.). Artmed.

Brasil. (1990). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Campeol, Â. R., & Pereira, C. R. R. (2021). Divórcio no contexto de guarda compartilhada: o olhar das crianças. *Pensando Famílias, 25*(2), 195-207. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200014&lng=pt&tlng=pt

Choi, K. W., Houts, R., Arseneault, L., Pariante, C., Sikkema, K. J., & Moffitt, T. E. (2019). Maternal depression in the intergenerational transmission of childhood maltreatment and its sequelae: Testing postpartum effects in a longitudinal birth cohort. *Development and Psychopathology, 31*(1), 143-156. https://doi.org/10.1017/S0954579418000032

Costa, F. P. M. D., Cunha, S. C. R., Colling, A. P. C., & Cardoso, C. D. O. (2022). Estilos parentais e a relação com traços de personalidade de crianças em idade escolar. *Pensando Famílias, 26*(1), 50-65. https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v26n1/v26n1a05.pdf

Costa, S. A. A., & Souza, M. L. D. (2022). Tarefa escolar: Suporte parental e desempenho nas funções executivas. *Revista Psicopedagogia, 39*(120), 377-387. https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220041

Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do Apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 57*(1), 12-24. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672005000100003&script=sci_abstract

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 113*(3), 487-496. https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487

Dascanio, D., Fontaine, A. M. G. V., Marturano, E. M., & Del Prette, Z. A. (2016). Crianças e adolescentes intoxicados por chumbo: Práticas maternas e problemas de comportamento. *Avaliação Psicológica, 15*(2), 217-225. https://doi.org/10.15689/ap.2016.1502.10

Dascanio, D., Rodrigues, O. M. R., & do Valle, T. G. M. (2010). Relação entre os estilos parentais e o desempenho intelectual de crianças com plumbemia. *Avaliação Psicológica, 9*(3), 461-470. http://hdl.handle.net/11449/133830

Fonsêca, P. N. da, Andrade, P. O. de, Santos, J. L. F. dos, Cunha, J. E. M., & Albuquerque, J. H. de A. (2014). Hábitos de estudo e estilos parentais: estudo correlacional. *Psicologia Escolar e Educacional, 18*(2), 337-345. https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182755

Goulart, V. R., & Wagner, A. (2012). Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 65*(3), 392-408. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300006&lng=pt&tlng=pt

Grizólio, T. C., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Como a mediação parental tem orientado o uso de internet do público infanto-juvenil? *Psicologia Escolar e Educacional, 24*, e217310. https://doi.org/10.1590/2175-35392020217310

Hassmann, A. H., & Antoni, C. de. (2021). Clima familiar na relação mãe-criança após exposição à violência por parceiro íntimo. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, 16*(4), 1-16. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-89082021000400009&lng=n

Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology, 11*(2), 228-239. https://doi.org/10.1037/h0076463

Krentzman, A. R. (2013). Review of the application of positive psychology to substance use, addiction, and recovery research. *Psychology of Addictive Behaviors, 27*(1), 151-165. https://doi.org/10.1037/a0029897

Leme, V. B. R., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades sociais educativas parentais e comportamentos de pré-escolares. *Estudos de Psicologia (Natal), 15*(2), 161-173. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000200005

Lima, M. O. F. F., Costa, C. B. da, Pasinato, L., & Mosmann, C. P. (2024). Sintomas de ansiedade e depressão em crianças: Associações com o funcionamento familiar. *Psicologia: Ciência e Profissão, 44*, e261225. https://doi.org/10.1590/1982-3703003261225

Lins, T., & Alvarenga, P. (2015). Controle psicológico materno e problemas internalizantes em pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 31*(3), 311-319. https://doi.org/10.1590/0102-37722015032092311319

Loos, H., & Cassemiro, L. F. K. (2010). Percepções sobre a qualidade da interação familiar e crenças autorreferenciadas em crianças. *Estudos de Psicologia (Campinas), 27*(3), 293-303. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300002

Loos, V. N., Lopes, F. M., & Menezes, C. B. (2023). Relações entre suporte parental e reconhecimento de expressões faciais emocionais em pré-adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 39*, e39201. https://doi.org/10.1590/0102.3772e39201.pt

Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Minetto, M. F. J., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: Uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62*(1), 119-134. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100013&lng=pt&tlng=pt

Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em P. H. Mussen, & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of child psychology* (v. 4, pp. 1-101). Wiley.

Machado, R. N., Mello, R., & Féres-Carneiro, T. (2019). O brincar na relação parento-filial: um recurso de integração da filiação adotiva. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 10*(3, Supl.), 141-155. https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n3suplp141

Malhado, S. de C. B., & Alvarenga, P. (2012). Relações entre o temperamento infantil aos oito meses e as práticas educativas maternas aos 18 meses de vida da criança. *Estudos de Psicologia (Campinas), 29*, 789-797. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500015

Marciano, R. P., Damaceno, N. S., & Amaral, W. N. do. (2024). Representações sociais sobre maternidade na reprodução humana assistida: Discursos de mulheres inférteis. *Psicologia: Ciência e Profissão, 44*, e258946. https://doi.org/10.1590/1982-3703003258946

Marin, A. H., Piccinini, C. A., Gonçalves, T. R., & Tudge, J. R. H. (2012). Parental child-rearing practices, behavior problems and pre-school children's social competence. *Estudos de Psicologia (Natal), 17*(1), 5-13. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000100002

Marin, A. H., Silva, C. T. da, Andrade, E. I. D., Bernardes, J., & Fava, D. C. (2017). Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 13*(2), 92-103. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000200004

Marques, A. (2015). A parentalidade excessiva e as implicações na aprendizagem. *Construção Psicopedagógica, 23*(24), 41-51. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542015000100004&lng=pt&tlng=pt

Martins, G. L. L., León, C. B. R., & Seabra, A. G. (2016). Estilos parentais e desenvolvimento das funções executivas: Estudo com crianças de 3 a 6 anos. *Psico, 47*(3), 216-227. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.3.22480

Mello, R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2015). Das demandas ao dom: As crianças pais de seus pais. *Revista Subjetividades, 15*(2), 214-221. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000200005&lng=pt&tlng=pt

Meneses, L. W., Moré, C. L. O. O., & Barros, L. (2022). Parentalidade e promoção da saúde mental infantil: Uma revisão integrativa. *Psicologia em Estudo, 27*, e49121. https://doi.org/10.1590/0102.3772e38318.en

Minayo, M. C. de S. (Org.). (2001). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (18ª ed.). Vozes.

Mosmann, C., Costa, C. B. D., Silva, A. G. M. D., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: Papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Trends in Psychology, 26*, 429-442. https://doi.org/10.9788/TP2018.1-17Pt

Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., & Vieira, M. L. (2013). Attachment and parental practices as predictors of behavioral disorders in boys and girls. *Paidéia (Ribeirão Preto), 23*(56), 369-378. https://doi.org/10.1590/1982-43272356201311

Oliveira, M. R., Silva, T. B. F., Pizeta, F. A., & Loureiro, S. R. (2021). Maternal depression, parental practices and child sex: Prediction of children's behavior. *Paidéia (Ribeirão Preto), 31*, e3133. https://doi.org/10.1590/1982-4327e3133

Pereira Neto, É. F., & Grzybowski, L. S. (2020). Parentalidade e problemas emocionais e comportamentais: Análise transgeracional a partir da teoria de Murray Bowen. *Pensando Famílias, 24*(1), 96-112. https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n1/v24n1a08.pdf

Pinto-Cortez, C., Beyzaga, M., Cantero, M. F., Oviedo, X., & Vergara, V. (2018). Apego y psicopatología en adolescentes del norte de Chile. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes, 5*(3), 23-29. https://doi.org/10.21134/rpcna.2018.05.3.3

Portes, J. R. M., Vieira, M. L., Souza, C. D. de, & Kaszubowski, E. (2020). Parental styles and coparenting in families with children with autism: Cluster analysis of children's behavior. *Estudos de Psicologia (Campinas), 37*, e190143. https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e190143

Quiterio, P. L., Leme, V. B. R., Carmo, M. M. I. D. B. D., Silva, J. P. D., & Camelo, B. D. L. (2021). Programa de orientação familiar desenvolvido no serviço de psicologia aplicada de uma universidade pública. *Psicologia Clínica, 33*(1), 119-139. https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n01A06

Reis, M. A., & Landim, I. (2021). Relação entre ansiedade social infantil e o uso de controle coercitivo por pais e/ou cuidadores. *Contextos Clínicos, 14*(1), 73-97. https://doi.org/10.4013/ctc.2021.141.04

Rovaris, J. A., & Bolsoni-Silva, A. T. (2021). Comparação de comportamentos maternos e infantis diferenciados pelo sexo, escolaridade e problemas de comportamento. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 14*(1), 1-29. https://doi.org/10.36298/gerais202114e15816

Sampaio, I. T. A., & Gomide, P. I. C. (2007). Inventário de Estilos Parentais (IEP) - Gomide (2006): Percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento, 25*(48), 15-26. https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19675

Schavarem, L. D. N., & Toni, C. G. D. S. (2019). A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. *Pensando Famílias, 23*(2), 147-161. https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n2/v23n2a12.pdf

Schwartz, F. T., & Pacheco, J. T. B. (2021). Mediação parental na exposição às redes sociais e a internet de crianças e adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 21*(1), 217-235. https://doi.org/10.12957/epp.2021.59383

Sebastião, A. S. P., Rodrigues, A. P. C. S., Pizeta, F. A., & Loureiro, S. R. (2020). Intact nuclear families: Associations between parental styles and school children's behavior. *Psico-USF, 25*(1), 115-126. https://doi.org/10.1590/1413-82712020250110

Silva, A. C. P. D., Cassel, P. A., Patias, N. D., & Abaid, J. L. W. (2020). Prática em educação parental: impacto das intervenções na visão de mães. *Pensando Famílias, 24*(2), 61-74. https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n2/v24n2a06.pdf

Toni, C. G. de S., & Hecaveí, V. A. (2014). Relações entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças. *Psico-USF, 19*(3), 511-521. https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003013

Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., Lewin, S., … Straus, S. E. (2018). PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Annals of Internal Medicine, 169*(7), 467-473. https://doi.org/10.7326/M18-0850

World Health Organization. (2022). *World mental health report: Transforming mental health for all*. World Health Organization. https://iris.who.int/handle/10665/356119

Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2014). Relação entre funções parentais e o comportamento de crianças pré-escolares. *Boletim de Psicologia, 64*(140), 1-20. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432014000100002&lng=pt&tlng=pt

Cómo citar este artículo

Ferro Bento, L., da Silva Oliveira, K. (2026). Parentalidade e Desfechos de Saúde Mental na Infância: Uma Revisão de Escopo. *Diversitas 22*(1), 65-87.

https://doi.org/10.15332/22563067.11465